



**Ponto Urbe**

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

**18 | 2016**

**Ponto Urbe 18**

---

## Em prol das creches da USP

Um breve relato etnográfico

**André Luiz Alves Bonifácio**

---



### **Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3162>

DOI: 10.4000/pontourbe.3162

ISSN: 1981-3341

### **Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### **Refêrencia eletrónica**

André Luiz Alves Bonifácio, « Em prol das creches da USP », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3162> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3162

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

---

# *Em prol das creches da USP*

Um breve relato etnográfico

André Luiz Alves Bonifácio

---

## Introdução

- 1 Meados de maio de 2016, o anúncio de greve geral na USP já permeava o imaginário de todos (docentes, alunos, funcionários vinculados a USP). Esse clima de instabilidade tem um histórico que não é de hoje. O contexto, aos poucos, exigiu debates entre os estudantes e Diretórios Acadêmicos/Centros Acadêmicos de diversos cursos, entre os servidores e funcionários públicos e por último entre os docentes desta universidade. A situação foi se adensando e os debates foram crescendo. Formaram-se grandes assembleias com pautas reivindicativas que reuniram centenas de pessoas de diversas categorias, que lutam por melhorias em diferentes níveis e sentidos, que englobam pautas estudantis e trabalhistas. A exposição dos problemas de cada setor e de cada categoria costurou uma trama de eventos e agenciamentos coletivos que culminaram na legitimação de greve geral da USP no final do mês de maio, com adesão da ADUSP<sup>1</sup>, do SINTUSP<sup>2</sup> e do movimento estudantil.
- 2 E como eu, aluno especial de duas disciplinas do PPGAS (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) da USP, me situava diante dessa conjuntura? Confuso, mas quando me deparei, estava envolvido nas reuniões das disciplinas, nas assembleias e nos debates tantos dos estudantes quanto dos funcionários e técnicos-administrativos, e pude conhecer um pouco mais da história de lutas e movimentos sociais da gigante USP: a favor dos concursos públicos, por transparência nas contas, pelas cotas étnico-raciais, pela evolução e progressão salarial, pelo fortalecimento das categorias dos servidores públicos, por mais verbas para a educação e contra o desmonte da universidade pública em vários sentidos, da privatização do Hospital Universitário, do arrocho e disparidade salarial, da possibilidade de terceirização de mais funcionários e enfraquecimento da categoria dos trabalhadores. São tantas reivindicações legítimas que compreendi haver duas temporalidades na comunidade acadêmica: o tempo de estar em ordem com as atividades

normais de ensino, pesquisa, extensão, trabalho e o tempo das manifestações, das passeatas, das paralisações, dos piquetes e barricadas, enfim, dos movimentos que lutam pela democratização e pela qualidade da universidade pública.

- 3 Dentre as visitas nos lugares onde aconteciam os movimentos, principalmente as assembleias que ocorreram nos salões do Prédio da História e Geografia da USP, uma discussão me sensibilizou, a de uma mãe, aluna de graduação, preocupada com a questão das creches e seu possível fechamento. Semanas depois, fui surpreendido com o fato de que as aulas do professor Danilo Paiva Ramos, pós-doutorando em Antropologia Social pela USP seriam, durante a greve, nas creches da USP na cidade de São Paulo.
- 4 Nesse sentido, para uma contextualização maior da luta contra o desmonte das creches, realizei observações de campo com a finalidade de conhecer um pouco mais sobre essa realidade num dado momento de fragilidades e mobilizações. Portanto, este texto resulta apenas de um curto relato de campo baseado em uma experiência de observação. As demais visitas em outras creches serviram para refletir, de forma mais ampla, as possíveis mudanças estruturais em um plano político-ideológico maior.

## Um parágrafo da sua história

- 5 A Creche Central da USP na cidade de São Paulo foi a pioneira das cinco creches<sup>3</sup> que compõem o campus da Universidade de São Paulo. Fundada em 1982 a partir de um esforço conjunto de mobilizações dos funcionários, docentes e discentes da USP, a Creche Central iniciou em um tímido espaço que hoje é o berçário. Aos poucos, sua estrutura consolidou-se com a implantação de outros módulos, construídos conforme a sua necessidade de ampliação. Cabe ressaltar o trabalho pioneiro da coordenadora pedagógica desta creche, Rosana Aparecida Dutoit, que desenvolveu um pensamento sobre o ensino infantil em parceria com a comunidade. Realizou, na época, estudos sobre a realidade de uma Creche Central na USP e construiu um novo modelo de ensino infantil em rede. Esse sistema foi absorvido pelas demais creches na USP. Embora existam diferenças entre uma e outra, o pensamento e os princípios sobre a creche permanecem os mesmos e permeiam todas as unidades até hoje.

## Fragmentos do cotidiano, um breve relato

- 6 No dia 04/07/2016, chego à USP pela manhã, e já passam alguns minutos das 7:00. Na Av. da Universidade, nº 200, pela janela do ônibus observo crianças entrando na Creche Central, algumas de mãos dadas com os pais, outras correndo para a entrada, outras aproveitam os últimos minutos de sono que lhes restam ainda no colo de suas mães. Todas elas irão iniciar mais uma semana de estudos e brincadeiras.
- 7 No horário combinado (9:00), caminho até a Creche Central para uma visita guiada com coordenadora, a psicóloga Flávia Ranoya. Aguardo confortavelmente sentado à frente de uma mesa que comporta uma porção de giz de cera de todas as cores, formatos e tamanhos. Nas paredes, alguns desenhos e trabalhos artísticos infantis enfeitam o local; um boneco feito de tecidos com partes de paetê se destaca entre os demais enfeites. Ao lado, observo com minúcia as fotos das antigas turmas de alunos que passaram por essa creche; 1992, 1993, 1994 ... 2010, 2011, 2012. São quadros com fotos que mostram o passar de várias turmas que por ali brincaram-estudaram. Incrível como o simples

observar dessas imagens me transportou a um sentimento nostálgico das minhas lembranças da pré-escola, de quando as fotos da turma, que não eram digitais, chegavam em nossas casas como lembranças de um tempo bom. Poucos minutos de espera e Flávia me atende para iniciarmos a visita e já adianta que a Creche Central é dividida em três módulos, separados por idade. As representações e o estilo de cada módulo mudam conforme a idade.

- 8 O primeiro módulo em que entro, conhecido como módulo verde, é composto por crianças de dois a quatro anos. Atualmente, 12 crianças estão matriculadas. No módulo, os desenhos em folhas e cartolinas adornam os espaços; é difícil ver alguma porta, parede ou sala, que não tenha a estética estilizada pelas próprias crianças com desenhos, figuras, recortes, instalações artísticas, todas elas muito coloridas com tamanhos diferentes entre si. A diversidade artística que decora todos os locais é impressionante. Nas salas de aula da creche, as crianças têm a autonomia para nomear os espaços. Não é raro ver as salas com nomes fantasiosos propostos, democraticamente, como enfatiza Flávia, pelas próprias crianças.
- 9 Ao abrir a porta para os fundos do módulo verde, me deparo com uma sala ampla. Há de tudo um pouco: estantes com livros, brinquedos de todos os tipos espalhados e/ou guardados nas estantes, mesinhas, cadeirinhas, algumas almofadas amontoadas e uma estante de livros formando uma pequena biblioteca. Neste salão são realizadas as atividades coletivas como dança, música, leitura e refeição. O salão antecede uma área de recreação, ou melhor, um parquinho, com banco de área, escorregadores, casinhas de brinquedo etc.
- 10 Se no salão os afazeres são instruídos mais diretamente pelas professoras, no parquinho as brincadeiras e atividades são de livre expressão das crianças, que não poupam energia para inventar suas brincadeiras, suas gargalhadas, suas conversas. No parque, as professoras só observam e cuidam das crianças para que as rodas de brincadeiras entre elas próprias fluam naturalmente, para que se sintam mais livres, como diz uma professora. Cabe ressaltar que a estrutura arquitetural de cada um dos três módulos é praticamente igual, resumindo-se em salas, um salão e um parquinho.
- 11 Uma pequena cerca divide um parque do outro : atravesso e estou no módulo amarelo, o dos berçários. Este módulo conta com apenas sete crianças que compõem a primeira fase da vida, ou seja, de zero a um ano. No berçário há espaços que são salas dos bebês. Entre essas salas está o dormitório, mais conhecida como sala de sono. O que me chama a atenção são as cadeirinhas especiais para as refeições.
- 12 O último módulo que visito é o mais agitado e o mais cheio de todos. O módulo azul é das crianças de quatro a seis anos – lembrando que as crianças podem ficar na creche até os sete anos completos. Na sua área de playground, vejo uma criança subindo na árvore enquanto a professora observa atentamente, outras estão sentadas e conversam muito, mas a maioria está mesmo interessada é no esconde-esconde. Os jogos infantis são tão envolventes que não é raro ver as professoras num jogo não explícito de pega-pega.
- 13 Por dentro, o espaço do módulo azul possui uma configuração espacial maior, e as salas Tornado, Vulcão, Pirulito e Máquina do tempo (autonomeadas pelos próprios estudantes) possuem cadeiras e mesinhas prontas para uma aula comum. Quem estuda nesse módulo tem o uso privilegiado de um quintal arborizado que fica ao lado do parquinho. De manhã, neste módulo, funcionam os ateliês de artes. No dia da minha visita, estava acontecendo o atelier da bruxa, onde provavelmente as crianças manifestavam as impressões artísticas

de como é a sua representação da bruxa. Dentre as histórias dos aprendizados nos ateliês de arte e leitura, a professora disse que o Saci vem se destacando como personagem ilustre do imaginário infantil dessas crianças da creche. Muitas crianças remetem ao Saci as trapalhadas, os conflitos, as desorganizações, e suas “ilusões mágicas”.

- 14 Independente do módulo no qual as crianças estão inseridas, elas têm a liberdade de transitar. Para que isso ocorra, Flávia me explica que a criança deve pedir permissão para uma professora de seu módulo para que ela autorize o seu trânsito entre eles sempre acompanhada com a professora. Isso é importante para permitir um contato entre idades, mesmo porque há crianças que têm irmãos maiores ou menores em um dos módulos e querem ficar um pouco para brincar com eles.
- 15 Entre os módulos, ao lado de cada um dos parquinhos, há uma horta que serve como atividade recreativa e pedagógica de plantação de hortaliças - sem nenhum uso de químicos ou agrotóxicos - que posteriormente serão introduzidos no cardápio da alimentação. Tanto as professoras como as crianças adoram essa atividade e tem-se investido nessa temática da plantação de vegetais. A plantação é um método pedagógico para que as crianças tenham um contato com o meio ambiente e conheçam as formas, os gostos e as texturas dos alimentos. As crianças se sentem empolgadas com o tempo do plantio da horta, de ver a semente crescendo até virar um legume ou verdura pronta para ser colhida e preparada pelas cozinheiras para o consumo.
- 16 No parquinho, Flávia explica um pouco mais sobre os horários e o cotidiano da creche durante as aulas. A entrada é das 7:00 até 9:00. Todos os dias, logo depois da entrada, é servido um suco. Durante a observação, algumas funcionárias da cozinha recolhiam as canecas do suco enquanto alguns poucos pais e ou responsáveis se despediam de seus filhos. Neste período entre a entrada até a entrega do suco, as famílias podem, se assim desejarem, permanecer com seus filhos e acompanhar um pouco das atividades. Flávia completa que essa dinâmica foi construída aos poucos, de modo que as famílias compreendam que, embora exista uma certa liberdade para acompanhar seus filhos, essa liberdade é limitada a horários determinados para que não ocorra prejuízo do trabalho e reduza a construção do modelo de creche da USP. “Foi necessária essa organização. Isso é uma conquista né, para que essa creche não seja vista como ‘lugar de deixar criança’”, explica.
- 17 Às 11:00 começa a se servir o almoço e, depois deste, as crianças podem ir para a hora de sono em uma sala específica para cada módulo. Às 14:30h é servido um lanche da tarde, composto de leite e um complemento, às vezes biscoitos/bolachas. Somente duas horas de todo o cotidiano da creche é realizado nas salas de aula, onde as crianças têm um contato com as disciplinas. O resto do período letivo é realizado entre o salão e o *playground*, entre atividades coordenadas e atividades livres, respectivamente.
- 18 A maioria das crianças está numa fase de pré-alfabetização, ou seja, não sabem ainda ler e estão aprendendo a reconhecer e identificar aos poucos as formas escritas do nosso alfabeto. Dentro ou fora das salas de aulas, as atividades que envolvem o ensino são pautadas numa perspectiva que colabore com os anseios criativos das crianças. Segundo as professoras, todas as atividades seguem uma linha de pensamento que estimule a criança a ser colaborativa e a pensar no sentido coletivo, sendo isso resultado de uma educação humanista e inclusiva. Nesse sentido, as professoras são mediadoras dos conhecimentos e dos processos educacionais. Flávia sempre ressalta o fator brincadeira como um ato educativo importante para a formação da criança e para compreender o seu “ponto de vista”.

- 19 Todas as atividades coordenadas pelas professoras exigem um planejamento prévio, com relatórios dos processos das atividades que serão realizadas com as crianças. A elaboração desse relatório é de caráter narrativo, composto com ilustrações sobre os procedimentos das atividades. Toda semana há uma reunião pedagógica orientada por dois vieses: psicológico com Flávia e pedagógico com o Rodrigo. Nessas reuniões, eles buscam tematizar as práticas que serão aplicadas ao longo da semana pelas professoras e auxiliares. No final do mês é realizada uma formação com a equipe de todas as áreas que compõem a creche. Esses elementos se inserem num exercício de formação continuada dos professores.
- 20 As professoras das turmas, todas elas do sexo feminino (?), são pedagogas ou possuem formação de curso superior na área da educação. Conforme relatos, elas sempre fazem cursos de aperfeiçoamento, frequentam congressos da área da educação.
- 21 A creche valoriza também a figura do pai e da mãe. Segundo a professora Bruna, é fundamental a participação educacional dos pais na contribuição de formação da criança, pois a escola infantil não pode ser encarada apenas como um espaço onde “se deixa crianças”, mas sim como um espaço que faz parte de um processo de educação, de lazer, de convívio e de formação das crianças como cidadãs.

## Movimentos e resistências num contexto de greve

- 22 Se atualmente ocorrem as mobilizações de greve na USP, o movimento pelo fortalecimento da qualidade do sistema de educação infantil nas Creches e Pré-Escolas da USP vem desde o início de 2015, quando as matrículas na creche foram encerradas, por meio de uma chamada indireta do reitor para que cessassem de inscrever crianças no projeto de educação infantil.
- “Falam em um momento de fragilidade, porque a Universidade está em meio de um gesto que ameaça em acabar com as creches. De algum jeito isso não é falado, mas a gente está vivendo o esvaziamento das creches há uns 2 anos, para um momento delicado, para alguém que não opte por não aderir, que faça essa reflexão.” (Flávia Ranoya, coordenadora da Creche Central da USP)
- 23 No início de sua história, o direito a creche pertencia apenas aos funcionários da USP, mas aos poucos, fruto de reivindicações, estendeu-se para docentes e discentes da USP. Há dois anos, não há mais entrada de novas crianças nas creches. O início desse corte de vagas começou pela restrição de novas matrículas para os filhos dos estudantes, o que implica que os filhos de alunos de graduação ou pós-graduação da USP que quiserem pleitear uma vaga não conseguirão. Todas as creches da USP sofrem com essa baixa.
- 24 Por conta desse impasse e temendo restrições maiores, organizou-se um movimento que uniu, por motivo de urgência, pais, funcionários e estudantes que se mobilizaram e reivindicaram à SAS (Superintendência de Assistência Estudantil)<sup>4</sup> a abertura de novas vagas para filhos de funcionários e docentes cujo irmãos mais velhos já estejam na creche. Graças a esse movimento, permitiu-se a entrada dos irmãos dos antigos alunos ainda matriculados antes de 2015.
- 25 As creches da USP estão vinculadas às SAS. É lá que ocorrem as inscrições, que não são necessariamente em edital divulgado, e acontecem presencialmente nas SAS através de um processo, que - pelo que se sabe - não tem normas reguladoras. Em uma outra creche da USP, a Creche Oeste, a coordenadora comentou que isso é um segredo até mesmo para

quem trabalha lá, onde não se tem acesso aos detalhes dessa seleção. Por exemplo, quando nasce um bebê, ou até mesmo antes do nascimento, a família vai até as SAS e pleiteia uma vaga na creche. Posteriormente, munida de uma documentação exigida pela coordenação da SAS, a família é avaliada com entrevista de ordem socioeconômica, obtendo uma vaga ou não.

- 26 Conforme os relatos, em caso de necessidade para que a criança cujo pai ou responsável seja funcionário ou docente e precise da vaga no atual momento, os mesmos só conseguem através de liminar na justiça e mesmo assim estão tendo recuo das decisões arbitrárias da reitoria. A única mãe estudante, que conseguiu obter uma liminar na justiça para que seu filho de poucos meses entrasse na creche, comenta, em uma conversa aberta aos professores e estudantes da aula-greve, sobre o direito de seu filho e das demais de sua categoria em estudar na creche:

“As creches se fortalecem com a participação dos grupos feministas e dos sindicatos que se mobilizam em suas histórias de luta. Fortalecendo essas relações e o momento da greve, essas informações e problemas estão mais exacerbados. A luta pelas creches está num projeto que une contra o desmonte da nossa universidade e na luta pela garantia dos direitos e permanências. As crianças e as mães levam as características de suas lutas particulares e também se integram nas lutas maiores. O interesse para eles é mesmo que não se tenha mais as creches. O reitor quer cortar R\$ 300 milhões e disse que pessoas vão perder espaço. O fortalecimento das mães é pensar na improbidade administrativa caso ele, o reitor, queira fechar.”

- 27 Próximo às creches, é muito comum ver cartazes de críticas sobre os cortes de assistência promovido pela SAS. Recentemente, alunas moradoras do CRUSP (Conjunto Residencial da USP) ocuparam a SAS e impediram o retorno das atividades na superintendência até conseguir alguns avanços nas negociações pela qualidade e contra o descaso das assistências estudantis que vêm ocorrendo<sup>5</sup>.
- 28 No que diz respeito às professoras da creche, diferentemente de outras profissões como nutricionista, psicóloga e auxiliares que compõem a equipe, elas não são reconhecidas como pedagogas e sim como técnicas de apoio educativo. Esse problema da nomenclatura com as professoras de educação infantil na USP perdura há uns 20 anos, como relata Flávia, e somente há pouco mais de três anos surgiu uma lei que a reconhece, mas que ainda não foi posta na ordem prática na agenda da reitoria. Segundo consta, essa conquista foi publicada no Diário Oficial e o próprio reitor, Marco Antonio Zago, assinou os documentos, mas não houve avanços. As professoras continuam como técnicas de apoio educativo. Nesse sentido, o movimento da creche aguarda o processo que tramita na justiça para coagir a reitoria a colocar esse direito trabalhista em prática. Caso isso ocorra, implicará não só numa mudança salarial de nível técnico para nível superior, mas principalmente avançará muito para os direitos desses trabalhadores poderem formalizar inclusive uma carreira na USP, que inclui estabilidades e progressões.
- 29 Para atuar na creche, as professoras têm que ser pedagogas, e as que não eram buscaram formação superior. De contramão, mesmo diante de bases legais e do processo judicial já acordado, a reitoria em sua defesa alega que é impróprio reconhecê-las como pedagogas, uma vez que não passaram por um processo seletivo como qualquer outro profissional da USP para ocupar o cargo. Esse é o principal entrave que perpassa pelo não reconhecimento das professoras das creches. De qualquer forma as professoras da creche passam por processos de seleção *in loco*, onde há a realização de uma prova específica, avaliação formal do currículo do educador, sendo inclusive publicado no Diário Oficial.

## Considerações finais

- 30 Ao final da visitação e observação não pude deixar de refletir sobre a importância das Creches da USP e de como esse direito à educação infantil para os filhos e filhas de funcionários, docentes e discentes são essenciais. Com os problemas e os reveses acionados pela reitoria, as creches estão operando com metade da sua capacidade total.
- 31 Desse modo, aos poucos o futuro das creches da USP revela-se incerto. Os(as) professores (as) temem que aconteça uma desocupação igual a que aconteceu com a antiga prefeitura na USP, próxima a Creche Oeste. Esse medo de chegar até o ponto de uma possível desocupação dos prédios das creches é um dos fatores que movem as mobilizações atuais, que se articulam politicamente sem a paralisação das atividades cotidianas. A última greve ocorreu em 2014, durou quatro meses e não conquistou avanços significativos, e as relações ficaram estremecidas e desestabilizadas tanto entre as famílias como entre os funcionários.
- 32 Há também temores recorrentes quando há paralisações, como demissões e corte de salário, como tem acontecido com alguns funcionários grevistas. Além disso, houve cortes de verba e programa de demissões voluntárias, política que tem criado um clima institucional perverso que atrapalha profundamente o desenvolvimento das atividades. Os problemas com os cortes de verbas também estão relacionados à falta de materiais básicos para a creche, como papel e tinta para impressora, materiais para ensino etc.
- 33 Por fim, para maiores informações sobre todos os passos e lutas do movimento a favor das creches na USP, desde fevereiro de 2015 existe atualizado um blog (<https://crechecentraluspcom.wordpress.com/>), um espaço informativo criado pela comissão das creches mobilizadas USP, formada por pais, professores e funcionários da USP.

34

---

## NOTES

1. Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo. Fonte: <http://www.adusp.org.br/index.php/a-adusp2>.
2. Sindicato dos Trabalhadores da USP. Fonte: <http://www.sintusp.org.br/2013/index.php/quem-somos>.
3. “A Divisão de Creches tem como objetivo atender gratuitamente as crianças filhas de funcionários, docentes da Universidade, contemplando as necessidades de desenvolvimento intelectual e o acesso ao saber, bem como o direito à socialização, às vivências infantis e aos cuidados assistenciais específicos e necessários. Além disso, objetiva dar apoio ao ensino e à pesquisa oferecendo um campo de estágios e pesquisas para alunos e docentes. A DC administra, atualmente, 5 creches, sendo duas no campus do Butantã, uma na Faculdade de Saúde Pública, uma no campus de Ribeirão Preto e, desde este ano de 2005, também uma no campus de São Carlos. A seleção de crianças feita para o ingresso nas creches é de cunho socioeconômico e segundo uma distribuição pré-determinada de vagas entre filhos de docentes e funcionários. A



Creche e Pré-Escola Saúde mantêm parceria com a Fundação Faculdade de Medicina, atendendo crianças oriundas dessa fundação que, em contrapartida, contribui com a manutenção de parte do quadro de funcionários”Fonte: [http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/COSEAS2010\\_DC.html](http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/COSEAS2010_DC.html)

4. [http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/COSEAS2010\\_superintendencia.html](http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/COSEAS2010_superintendencia.html)

5. A ocupação da SAS foi realizada, de forma inédita, por coletivos feministas de moradoras, com apoio de funcionários e docentes, depois de um evento de violência doméstica que impulsionou a mobilização das estudantes. Foi uma ocupação para impulsionar e pressionar a SAS, o combate à violência contra as mulheres no CRUSP, incluindo o direito à creche de seus filhos.

---

## INDEX

**Palavras-chave:** creches, Universidade de São Paulo, educação, greve

## AUTHOR

**ANDRÉ LUIZ ALVES BONIFÁCIO**

Bacharel em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).